



REQUERIMENTO

Senhora Presidente e demais membros da Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher.

CONSIDERANDO as políticas públicas adotada pela municipalidade em suas unidades de Serviços de Saúde Especializada, (SAEs) que amplamente se divulga nos sítios eletrônicos do executivo;

CONSIDERANDO o Estudo realizado no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP.

Autores: Mário Scheffer, professor e coordenador da pesquisa Demografia Médica no Brasil; Maria Ines B. Nemes, professora e coordenadora da Pesquisa Qualiaids; Ana Maroso Alves, doutoranda e integrante da Pesquisa Qualiaids

*Este estudo integra Cadernos Pela Vidda nº 54 (junho de 2020), publicação do Grupo Pela Vidda/SP.

CONSIDERANDO que o Estudo citado conclui que há falta de médicos em serviços que atendem HIV e Aids na rede municipal de São Paulo.

CONSIDERANDO que o levantamento foi realizado antes da pandemia de Covid-19. Havendo portanto, risco de no momento atual, ter agravado ainda mais a falta de profissionais, necessários para acompanhar cerca de 43.000 pacientes com HIV nos serviços municipais.

Requeremos a Secretaria Municipal de Saúde que informe se os dados apontados nos quadros da pesquisa que encaminhamos em anexo;

1. Estão corretos os dados espelhados? Justifique.
2. Caso caracterizado déficit do corpo clínico especializado, justificar e informar as providências adotadas para sanar o déficit e seu prazo, ainda que estimado, de conclusão.

São quatro quadros que sintetizam a pesquisa e que norteia os pontos de atenção que a Comissão pretende observar, conhecendo os dados atuais e as providências adotadas e justificadas para a melhora dos serviços em tela.

Reunião da Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher.

Em 19 de junho de 2020

Vereador Gilberto Natalini
Líder do Partido Verde

estudo

Faltam médicos em serviços que atendem HIV e Aids na rede municipal de São Paulo

Levantamento foi realizado antes da pandemia de Covid-19.

O momento atual pode ter agravado ainda mais a falta de profissionais, necessários para acompanhar cerca de 43.000 pacientes com HIV nos serviços municipais

Em março de 2020 faltavam pelo menos 86 médicos nos serviços da rede municipal de saúde de São Paulo que atendem pessoas com HIV e Aids. Esta era a diferença entre a necessidade dimensionada pela própria Secretaria Municipal de Saúde (208 médicos) e o número de médicos existentes (122) nos serviços naquele mês.

Os resultados integram estudo realizado por pesquisadores do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Os dados sobre oferta, dimensionamento e déficit de médicos foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI) junto à Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Os dados sobre número de pacientes atendidos nos serviços foram solicitados diretamente ao Programa Municipal de DST/Aids. A estimativa de pacientes segundo idade foi obtida nos Boletins Epidemiológicos oficiais do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os parâmetros de atendimento médico foram extraídos da pesquisa *Qualiaids*, da FMUSP, que avalia a

qualidade dos serviços do SUS que prestam assistência ambulatorial em HIV e Aids.

Foram considerados 16 serviços assistenciais da rede municipal especializada em HIV/Aids, sob administração direta da Prefeitura de São Paulo. Juntos, são responsáveis pelo tratamento e acompanhamento de 42.896 pacientes.

Chama a atenção o grande déficit de infectologistas (faltavam 48 médicos) e de especialistas em clínica médica (faltavam 11 médicos). Esses especialistas são os principais

Quadro 1 – Médicos especialistas em Infectologia e Clínica Médica em serviços da rede municipal especializada em tratamento de HIV/Aids da cidade de São Paulo, segundo dimensionamento de necessidade, médicos existentes e déficit de profissionais - 2020

Serviços especializados em HIV/Aids	Clínica Médica			Infectologia		
	Dimensionamento*	Existentes	Déficit	Dimensionamento (ideal)	Existentes	Déficit
Butantã			0	6	2	4
Campos Elíseos	4	4	0	8	8	0
Ceci	1	0	1	5	2	3
Cidade Dutra	3	2	1	1	0	1
Cidade Líder II	0	0	0	6	3	3
Fidelis Ribeiro			0	5	2	3
Herbert de Souza – Betinho	0	0	0	6	1	5
Ipiranga	1	0	1	6	2	4
Jardim Mitsutani	3	3	0	3	1	2
Lapa – Paulo César Bonfim	2	1	1	4	2	2
M'Boi Mirim	2	0	2	3	1	2
Nossa Sra. do Ó	2	0	2	8	3	5
Penha	0	0	0	6	2	4
Santana	2	2	0	7	5	2
Santo Amaro	4	1	3	6	1	5
Vila Prudente			0	4	1	3
Total	24	13	11	84	36	48

*Dimensionamento da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo obtido por Lei de Acesso à Informação (LAI)

estudo

► responsáveis pela rotina de tratamento das pessoas com HIV, pois prescrevem os medicamentos antirretrovirais, solicitam e analisam os exames laboratoriais necessários ao seguimento clínico dos pacientes.

Dentre os 16 serviços considerados (Quadro 1), apenas um serviço (Campos Elíseos) não apresentava déficit de infectologistas. Em três serviços da capital paulista (Santo Amaro, Nossa Senhora do Ó e Herbert de Sousa) faltavam cinco médicos infectologistas em cada um. Havia déficit de médicos clínicos em sete serviços.

Ao todo, 122 médicos estavam em atividade nos serviços municipais de HIV/Aids. Além de 36 infectologistas e 13 clínicos, havia 27 ginecologistas e obstetras, 24 pediatras e 22 médicos de especialidades diversas.

Os 24 pediatras devem ser considerados à parte, pois são responsáveis pelo atendimento específico de pessoas com HIV menores de 18 anos, que correspondem a 3% dos 42.896 pacientes em tratamento na rede municipal, conforme estimativa baseada na proporção de casos novos segundo idade nos dados dos Boletins Epidemiológicos do SUS. A prefeitura dimensionou em 22 o número ideal de pediatras, portanto não haveria déficit desses especialistas para atendimento de crianças e adolescentes com HIV/Aids na rede municipal.

Nas demais especialidades médicas (excluindo infectologistas, clínicos e pediatras) havia déficit de 29 especialistas (Quadro 2) nos serviços municipais paulistas que atendem HIV e Aids. Diante de necessidade de tratamento especializado para além de HIV e Aids, geralmente os pacientes são encaminhados à rede ambulatorial ou hospitalar do município. Alguns serviços de referência em Aids, no entanto, mantêm

Quadro 2 – Médicos de especialidades diversas em serviços da rede municipal especializada em tratamento de HIV/Aids da cidade de São Paulo, segundo dimensionamento de necessidade, médicos existentes e déficit de profissionais - 2020

Especialidades	Dimensionamento*	Existentes	Déficit
Ginecologia e Obstetrícia	38	27	11
Psiquiatria	13	8	5
Dermatologia	8	4	4
Urologia	5	3	2
Saúde Pública	4	3	1
Oftalmologia	3	3	0
Epidemiologia/Vigilância em Saúde	2	0	2
Proctologia	2	0	2
Cardiologia	1	1	0
Gastroenterologia	1	0	1
Neurologia	1	0	1
Total	78	49	29

*Dimensionamento da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo obtido por Lei de Acesso à Informação (LAI)

ginecologistas e obstetras, psiquiatras, dermatologistas, entre outros.

Quanto aos médicos de outras especialidades, presentes em serviços de HIV e Aids (fora infectologistas, clínicos e pediatras), além do atendimento pontual de problemas de saúde ligados a cada especialidade, parte deles atua no seguimento clínico de adultos com HIV nos serviços. No âmbito da pesquisa *Qualiaids*, em 2016, 24% desses médicos também acompanhavam a rotina do tratamento de pacientes com antirretrovirais.

Número de médicos por pacientes

O estudo analisou o número disponível de médicos responsáveis pelo seguimento clínico em relação ao número de pacientes acompanhados pelos serviços (Quadro 3)

Foram considerados todos os infectologistas e clínicos e parte dos médicos de outras especialidades (24% deles) que também acompa-

nham pacientes sistematicamente. Foram excluídos os médicos pediatras, que atendem grupo específico e minoritário de pacientes; e ainda 76% dos médicos de outras especialidades que não fazem acompanhamento do tratamento em HIV e Aids. Em dezembro de 2019, 41.609 adultos estavam em tratamento nos serviços municipais de HIV e Aids sob gestão do município.

Foi encontrada, no conjunto dos 16 serviços analisados, a relação de um médico para seguimento de cada grupo de 685 pacientes. Trata-se de oferta insuficiente de médicos, não só considerando o próprio dimensionamento da Prefeitura de São Paulo, mas também levando em conta os parâmetros produzidos pelo estudo *Qualiaids*. Segundo o *Qualiaids*, o padrão esperado, baseado no atual protocolo clínico e na taxa de falta nas consultas, é de um médico para 438 pacientes (*Caderno de Recomendações Qualiaids: www.qualiaids.fm.usp.br*). ►

estudo

Quadro 3 – Médicos responsáveis pelo seguimento clínico em serviços da rede municipal especializada em tratamento de HIV/Aids da cidade de São Paulo, segundo número de pacientes acompanhados - 2020

Serviços especializados em HIV/Aids	Médicos disponíveis*	Pacientes acompanhados**	Relação médico/pacientes***	Déficit de médicos
Herbert de Souza – Betinho	1	2.181	1.473	6
Fidelis Ribeiro	2	3.380	1.363	4
Butantã	2	2.797	1.248	5
Vila Prudente	1	1.396	1.126	4
Penha	3	3.131	910	5
Cidade Líder II	3	3.033	872	4
Santo Amaro	3	2.894	841	10
Lapa - Paulo César Bonfim	3	2.822	811	4
Nossa Sra. do Ó	4	2.840	676	8
M'Boi Mirim	1	992	670	5
Ipiranga	3	1.698	624	5
Cidade Dutra	3	2.127	618	2
Ceci	2	1.235	551	4
Santana	8	3.991	517	2
Campos Elíseos	13	5.486	416	0
Jardim Mitsutani	4	1.606	359	3
Total	56	41.609	685	71

* Médicos, Infectologistas, Clínicos e outros especialistas que realizam seguimento clínico de pacientes com HIV-Aids. ** Número de pessoas em tratamento nos serviços municipais de HIV e Aids em dezembro de 2019 (42.896), excluindo-se os cerca de 3% de menores de 18 anos, cujo tratamento é acompanhado principalmente por Pediatras. *** Estes valores foram calculados considerando-se duas casas decimais para o número de médicos disponíveis.

A falta de médicos pode comprometer a saúde das pessoas diagnosticadas e em tratamento, além de dificultar o controle da epidemia

► Alguns serviços municipais de São Paulo são mais afetados pela insuficiência de médicos, com destaque para Herbert de Souza, Fidelis Ribeiro, Butantã e Vila Prudente, todos com mais de 1100 pacientes acompanhados por cada médico. Apenas um serviço municipal, Jardim Mitsutani, tem relação médico/pacientes acima da relação de 1/438 esperada pelo *Qualiaids*.

Segundo a pesquisa *Qualiaids*, em 2016, na mesma rede de serviços, o número relatado de pacientes em tratamento foi de 425 pacientes por médico. Ou seja, houve uma piora significativa na oferta de acompanhamento médico, uma vez que a entrada de novos pacien-

tes com HIV e Aids na rede municipal não foi acompanhada da contratação de novos médicos ou de reposição de profissionais que deixaram os serviços.

Nos últimos seis anos (2014 a 2019) mais de 37 mil novos pacientes diagnosticados com HIV deram entrada nos serviços municipais (Quadro 4)

Para concluir

A falta de médicos pode comprometer a saúde das pessoas diagnosticadas e em tratamento, além de dificultar o controle da epidemia do HIV e Aids na cidade de São Paulo.

Entre as consequências da falta de médicos destacam-se a grande demo-

ra entre o diagnóstico, a primeira consulta médica e o início do tratamento de novos pacientes. Além disso, não é alcançado o número mínimo suficiente de consultas médicas para o seguimento dos pacientes. Recomenda-se, para pacientes novos, seis consultas por ano e, para pacientes estáveis, pelo menos duas consultas por ano, o que fica inviabilizado diante da insuficiência de médicos.

Torna-se urgente, portanto, a contratação ou alocação imediata pela Prefeitura de São Paulo, de pelo menos 86 médicos para os serviços municipais de HIV e Aids, conforme estimativa da própria Secretaria Municipal de Saúde. Seriam necessários no mínimo 71 novos médicos

estudo

Quadro 4 – Número de novos pacientes com diagnóstico de HIV/Aids por ano (2014 a 2019), segundo serviços da rede municipal especializada em tratamento de HIV/Aids da cidade de São Paulo

Serviços especializados em HIV/Aids	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2014 - 2019
Campos Eliseos	547	729	832	1.021	1.114	1.060	5.303
Cidade Lider II	272	347	352	348	471	434	2.224
Fidelis Ribeiro	345	459	415	417	348	451	2.435
Nossa Sra. do Ó	390	434	334	416	465	433	2.472
Santana	363	423	416	418	504	649	2.773
Penha	259	176	154	308	351	378	1.626
Ceci	127	163	83	121	180	146	820
Herbert de Souza – Betinho	236	276	276	292	436	408	1.924
Ipiranga	264	347	282	276	236	152	1.557
Vila Prudente	228	176	253	281	151	153	1.242
Santo Amaro	363	369	442	421	435	397	2.427
Cidade Dutra	182	201	241	310	335	341	1.610
Mboi Mirim**	112	171	232	228	241	267	1.251
Campo Limpo	178	191	181	229	234	284	1.297
Butanta	258	288	312	326	314	330	1.828
Lapa – Paulo César Bonfim	279	348	281	318	394	373	1.993
Total	4.403	5.098	5.086	5.730	6.209	6.256	32.782

Fontes: Programa Municipal de DST/Aids – SMS/SP. Sistema de Informação da RME DST/Aids/ SI DSTAIDS SICLOM

Entre 2014 e 2019, mais de 37 mil novos pacientes diagnosticados com HIV deram entrada nos serviços municipais

- ▶ apenas para o seguimento dos pacientes já em tratamento antirretroviral na rede municipal, sem considerar que mais pessoas, recém-diagnosticadas, darão entrada nos serviços.

Destaca-se, segundo o estudo *Demografia Médica*, do DMP-FMUSP, que a cidade de São Paulo tem alta oferta e alta concentração de médicos. A capital contava em 2020 com 67.000 médicos, uma densidade de 5,6 médicos por 1.000 habitantes, concentração muito acima da média dos países que compõem a OCDE (3,3 médicos por 1.000/ha-

bitantes). Atuam na capital 7.500 especialistas em clínica médica e 835 médicos infectologistas.

“Neste cenário, se houver decisão política, acompanhada da oferta de condições adequadas de trabalho e remuneração aos profissionais, é totalmente viável a contratação, pela Prefeitura, de médicos para suprir o grave déficit da rede municipal especializada em HIV e Aids”, afirma o professor Mário Scheffer, do DMP/FMUSP.

Ele acrescenta que “este levantamento, embora localizado na cidade

de São Paulo, é um exemplo do que pode ser feito por pesquisadores e pela sociedade civil em outros locais do país, com base em dados administrativos disponíveis, por meio da lei de acesso à informação e valendo-se de parâmetros de qualidade dos serviços já produzidos, como os do *Qualiaids*”. Por fim, Scheffer recomenda que os resultados sejam compartilhados com ONGs, programas de Aids, poder legislativo municipal, Ministério Público e Defensoria Pública, para que providências concretas sejam tomadas. ■

Estudo realizado no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP.

Autores: Mário Scheffer, professor e coordenador da pesquisa *Demografia Médica no Brasil*; Maria Ines B. Nemes, professora e coordenadora da Pesquisa *Qualiaids*; Ana Maroso Alves, doutoranda e integrante da Pesquisa *Qualiaids*.

*Este estudo integra Cadernos Pela Vidda nº 54 (junho de 2020), publicação do Grupo Pela Vidda/SP